

Integração Lavoura-Pecuária: Ferramenta para produtividade com sustentabilidade

R.C. ALVARENGA⁽¹⁾, M.M. GONTIJO NETO⁽²⁾, J.H. RAMALHO⁽³⁾, J.C. GARCIA⁽⁴⁾, E.P. CLEMENTE⁽⁵⁾ & A.A.D.N. CASTRO⁽⁶⁾

RESUMO – O Brasil dispõe hoje de elementos tecnológicos para dar um grande salto na produção e produtividade da sua agropecuária. A integração lavoura-pecuária (ILP) é uma das maneiras mais acertadas para se alcançar este objetivo, pois reúne benefícios agrônômicos, econômicos, ecológicos e sociais. Sob esta ótica, com a ILP é possível mudar a fisionomia da agropecuária nacional mediante a introdução de novos conceitos sob a maneira de planejar a propriedade e cultivar lavouras e pastagens. A ILP pode ser definida como sendo a diversificação, rotação, consorciação e ou sucessão de atividades agrícolas e pecuárias, planejadas e desenvolvidas de forma harmônica, constituindo um mesmo sistema dentro da propriedade rural, com benefícios para ambas. Possibilita, como uma das principais vantagens, que o solo seja explorado intensiva, econômica e sustentavelmente durante o ano todo favorecendo o aumento na oferta de grãos, de carne e leite, fibras e outros a custos mais baixos devido ao sinergismo entre as lavouras e as pastagens. Certamente, o consórcio lavoura-pasto em plantio direto (sistema Santa Fé) é a maior inovação, ao passo que fazer o pecuarista praticar uma agricultura tecnicada é o maior desafio. Se o agricultor assimila rapidamente conceitos que favorecem as suas atividades, o pecuarista tem maior dificuldade. Parceria entre ambos tem ajudado a superar as principais dificuldades: parque reduzido de máquinas e equipamentos do pecuarista e, falta de animais por parte do agricultor. A ILP apresenta-se também como uma excelente ferramenta para a recuperação de pastagens degradadas propiciando o aumento na oferta de forragem na entressafra repercutindo em benefícios ao pecuarista, como também, aumentando a produtividade das lavouras e de palhada para o plantio direto.

Introdução

Embora tenha havido, nos últimos anos, incrementos tecnológicos consideráveis na agropecuária, ainda persistem sistemas isolados, pecuários ou agrícolas, mesmo dentro da mesma propriedade. Esses sistemas tradicionais visam à produção de grãos, forragem, carne, leite, etc. sem, contudo, usufruir os benefícios da integração lavoura-pecuária. Com isso, o produtor continua com as pastagens degradadas, as lavouras com potencial produtivo reduzido e o solo com evidências de degradação pela presença, por exemplo, da compactação e da erosão. Nessa situação, os custos de produção são altos e a renda líquida pequena, o que mantém o produtor num ciclo de baixa eficiência, sem possibilidades de investimentos e, portanto, incapacitado para reverter esse quadro.

Na pecuária tradicional ainda predomina o extrativismo e o amadorismo. Até um passado recente as pastagens eram implantadas com pouca ou nenhuma tecnologia. Derrubava-se a vegetação nativa, a área era queimada e, em seguida, as sementes de forrageiras eram lançadas, estabelecendo-se a pastagem. Como no Brasil a maioria dos solos é ácida e de baixa fertilidade, depois de um ou dois anos em que as pastagens extraíam os nutrientes remanescentes a pastagem se degradava.

Atualmente, sistemas mistos de exploração de lavoura e pecuária têm chamado a atenção pelas vantagens que apresentam em relação aos sistemas isolados agrícolas ou pecuários. São os Sistemas Integrados Lavoura-Pecuária ou, simplesmente, Integração Lavoura-Pecuária (ILP). A integração lavoura-pecuária pode ser definida como sendo a diversificação, rotação, consorciação e ou sucessão de atividades agrícolas e pecuárias, planejadas e desenvolvidas de forma harmônica, constituindo um mesmo sistema dentro da propriedade rural, com benefícios para ambas. Possibilita, como uma das principais vantagens, que o solo seja explorado intensiva, econômica e sustentavelmente durante o ano todo favorecendo o aumento na oferta de grãos, de carne e leite, a custos mais

⁽¹⁾ Ramon Costa Alvarenga Eng. Agr., DSc, pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo. Rodovia MG 424 km 65C. Postal 151, Sete Lagoas-MG, CEP 35701-970, E-mail: ramon@cnpmc.embrapa.br

⁽²⁾ Miguel Marques Gontijo Neto Eng. Agr., DSc, pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo. Rodovia MG 424 km 65C. Postal 151, Sete Lagoas-MG, CEP 35701-970.

⁽³⁾ José Hamilton Ramalho Eng. Agr., MSc, pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo. Rodovia MG 424 km 65C. Postal 151, Sete Lagoas-MG, CEP 35701-970.

⁽⁴⁾ João Carlos Garcia Eng. Agr., DSc. Embrapa Milho e Sorgo. Rodovia MG 424 km 65, C. Postal 151, Sete Lagoas-MG. CEP 35701-970.

⁽⁵⁾ Eliane de Paula Clemente Eng. Florestal, DSc. Bolsista do CNPq. Embrapa Milho e Sorgo. Rodovia MG 424 km 65, C. Postal 151, Sete Lagoas-MG. CEP 35701-970.

⁽⁶⁾ Andréa Aparecida Dutra Naves de Castro. B.S. Geógrafa, Bolsista do CNPq. Embrapa Milho e Sorgo. Rodovia MG 424 km 65, C. Postal 151, Sete Lagoas-MG CEP 35701-970.

Apoio financeiro: FINEP-MCT- FNDCT/CT - AGRONEGÓCIO.

